



Amplitude, óleo sobre tela, 2021 © Lua Barbosa

vestindo a roupa ouvindo a máquina

salma soria

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

AQUI TROCA

Ouçõ todos os sons das máquinas de lavar, costurar e passar roupas. Meus olhos pedem para procurar alguma intimidade desaparecida em meio à tanta novidade. Não sei o que procuro, talvez afeto.

O que estou vestindo, por exemplo, não pode oferecer o ato heroico de ser apontado como inédito. O esperado é apresentar a novidade, certo? Não quero apresentar uma novidade, mas a minha intimidade: tudo o que tenho de velho para vestir.

Será o romantismo que vejo na cidade algo que só existe dentro de mim? Tenho roupas tão velhas... fico pensando na falta de uso delas todas. Na cor que se desbota, na forma. Até o amarrotado parece sem libido. Sinto que há um recado intrínseco: no íntimo, roupas velhas desejam flutuar, desaparecer.



Olhando para tudo antigo que usei, lembro os discursos, os apelos, as aparições, os lugares em que estava, os amores que sentia e até a música que ouvia. Será que você suporta me enxergar usando todas essas roupas velhas em meio a uma moda do futuro? O que fazer, me diga? Usar o desmanchador de costura para esgarçar os avessos?

Quando uso o velho, não estou reproduzindo quem eu quero ser, mas o momento de quando a roupa foi lançada. O visual do discurso que já passou, encarando quem somos nós neste momento, é bastante estranho, não acha? Por isso os remendos. Toda hora reconstruo os lançamentos, salvando a mim mesma de ter que comprar alguma coisa nova.

A moda ensina o tempo todo como estar na frente, não é? Me esqueci de estar ao lado dela. Não tenho mais paciência, nem tamanha vaidade, que me faça acompanhar raia a raia o que estão exibindo nas notícias como supremas novidades. Moda é um perigo, porque fora dela, parece que a descrença na novidade se perpetua.

Ando muito preocupada com minhas roupas velhas. Você não fica com as suas? Não me parece má ideia preservar algumas vestimentas e fazer delas uma espécie de museu particular.





Como minha pele pode suportar o acumulo de tanta peça de roupa? Roupas não seriam formas de materializar as ilusões projetadas pelos outros? Quero ser enganada pelo discurso da roupa que promete me deixar linda, mas a pele desmente. A realidade corpórea confronta as ilusões do tecido e acho que as pessoas dessa cidade preferem dialogar com a mesmice. Tudo isso junto, que desordem. Na densidade do caos, o que brilha mesmo é o desânimo.

Quando costuro, lembro de você. E disso eu gosto.

Espera... O destino de toda a roupa velha é estar diante dos micróbios e bactérias? Como a moda não foi capaz de ensinar o que fazer com os micro-organismos? Mesmo um pouco distante do *fashion*, ainda me preocupo com o destino dela. O que fazer com tudo isso? Usar a mesma roupa várias e várias vezes com tremendo louvor. Quero que toda roupa antiga interfira no hálito da última moda. Vou usar algumas negações enquanto meu corpo tenta entender o impacto dessa cidade inteira. Quero andar descalça. Cem por cento do meu tempo sem sapatos.

Sonho com o dia de abrir um brechó. Já tenho até nome pra ele: Troco o Novo pelo Velho. Podem chamá-lo de ferro-velho ou orfanato das roupas, não me



importo. E, na plaquinha da calçada, um *banner* vai dizer assim: temos moda eclética, jurídica, gospel, invisível, adulta (ou o que pareça ter alguma credibilidade), infantil & blogueira *fitness*.

A plaquinha na calçada seria, ao mesmo tempo, de energia solar e gerador de *QR code* com cupons de descontos para cada vez que a cliente ativar o *check-in* nas redes sociais, todos enxergariam o nome da minha marca. É um jogo: registre o *check-in* e pá! Ganhe um *xequete-mate*!

No enxadrismo dos sentidos, o *check-in* da publicidade funciona como um *xequete-mate* na privacidade que retém o cliente no campo do consumo, certo? Não me importo se a presença do cliente estiver sendo transferida para a área dos objetos de uso, já que você mesmo vai me usar de alguma forma.

Acho que todas as velhas roupas expõem algo de íntimo dos seus donos. Não considero uma roupa velha simplesmente porque a estação já passou. Roupa velha é roupa que foi usada, e muito. Então, teremos duas intimidades se confrontando na minha loja: a da roupa exposta à venda que um dia pertenceu a alguém e o desejo de consumo do cliente em capturar alguma coisa. Sim,

vai ser uma plataforma sobre as relações da aparência, só que voltadas para os dilemas da intimidade do uso, tudo exaurido. Pode ser que algumas pessoas saiam de lá ouvindo vozes, mas acho que é uma coisa normal.

A publicidade do meu brechó vai ser um tipo de *ad-words* que pensa no meio ambiente. Isso seria bem ok, certo? Mesmo que as pessoas consumam regularmente ali, elas estarão sob a tutela das roupas usadas + preço justo + energia solar + publi da própria privacidade. Quando o negócio lotar de clientela, só autorizarei a entrada de pessoas tatuadas com a logomarca da loja, pois valorizaremos a experiência de consumo *in loco*, na pele. O que acha?

Hoje, quero comprar algo velho, tão velho que seja anterior ao meu conceito de velho e quero recusar algo novo. O que seria isso? Não sei o que fazer diante do velho, velho, muito velho. Também não sei o que fazer diante do novo, novo, muito novo. Espera, isso me faz pensar em bactéria de novo.

Toda a minha intimidade em casa é repleta de roupas velhas, não se assuste, por favor, ao me ver vestida com elas. Desculpa, não me apresentei. É que o som desse bar está me deixando confusa. Eu sou a Mara, sua fi...



Uma mulher bate à porta do banheiro, gritando do lado de fora:

— Oi, tudo bem? Precisa de ajuda? Tem uma fila enorme aqui fora para usar o banheiro, por favor!

— Não, já vou sair! — grita Mara em direção ao outro lado da porta, enquanto envergonhada, ajeita o cabelo em frente ao espelho.

A fila de mulheres aumenta na medida em que o corredor do banheiro do bar só comporta uma pessoa e há quatro mulheres do lado de fora, espremidas. Todas elas acabaram se arrumando para estarem invariavelmente naquele corredor. Fazer xixi é muito importante.

A primeira mulher da fila está com amigdalite e veste saia curta, blusa justa e salto alto. Ela é só sorrisos, autoconfiança e brilho nos olhos.

A segunda mulher da fila sabe que é o centro das atenções, e os dilemas da noite anterior com a mãe, desaparecem ali, ao ser notada.

A mulher seguinte usa o mesmo que todo mundo: a roupa da última moda.

E a última da fila carrega em sua bolsa um aparelho sonoro, recebendo do mundo o presente de ouvir a novidade da última hora.



www.salmatoria.com
instagram.com/salmatoria

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Sabon Next LT
Pro pela Editora Penalux e impresso em
papel off-white 80 g/m², em maio de 2021.
